

CÍRCULO VICIOSO

(Beatriz Buksztejn Castiel Menda)

João queria se aposentar. Não deixaria de trabalhar, claro, pois o dinheiro da aposentadoria não bastaria para manter seu padrão de vida de classe média alta, mas queria contar com um extra por mês a fim de cobrir as despesas, que sempre ultrapassavam seu salário de executivo.

Havia, porém, um probleminha: seus primeiros quatro anos de trabalho, no escritório de representações de seu pai, não haviam sido registrados em carteira. Entrara com pedido de contagem de tempo de serviço junto ao INSS e, para comprovar aqueles quatro anos, levava três testemunhas daquela época. Mas o processo não andava.

Um dia, recebeu uma notificação para comparecer ao Instituto para tratar de assunto de seu interesse. Lá chegando, foi recebido pelo chefe do setor de contagem de tempo de serviço, que lhe explicou que a situação era muito complicada, difícil de ser atendida. João alegou que apresentara testemunhas do período trabalhado e o chefe marcou um dia para ouvi-las.

Após o depoimento das testemunhas, passou-se mais algum tempo e João recebeu um telefonema do tal chefe do setor de contagem de tempo de serviço, que se chamava Nestor e que expôs, novamente, a dificuldade em poder contar aqueles quatro anos. No entanto, queria conversar com João. Quando podiam marcar?

João ficou de retornar a ligação e, ao chegar em casa, naquele dia, comentou com a mulher, Rosita: “Acho que o cara está querendo grana...” Ela ficou preocupada: “Como, grana? Propina? Isto é corrupção! Não é perigoso?”

João disse que ia marcar encontro com Nestor no dia seguinte, na saída do trabalho, para ouvir o que ele tinha a dizer. Rosita ficou com medo. A gente lê cada coisa, todo dia, no jornal... “Leva um gravador no bolso e registra a conversa. Assim a gente tem alguma prova, se precisar”, disse ela.

João marcou o encontro para o fim da tarde. Nestor ia apanhá-lo, de carro, na saída do serviço. Rosita estava com medo. “Pede a alguém que anote o número da placa do carro dele”, lembrou.

No horário combinado, João desceu com a filha, que trabalhava na mesma empresa e lhe disse que anotasse, discretamente, a placa do carro de Nestor.

Quando este chegou, João entrou no veículo, já com o gravador ligado, no bolso do paletó. Enquanto isso, em casa, Rosita estava muito nervosa. E se fosse um sequestro?

O tempo parecia parado, não andava. Então, João chegou. “Vem ouvir a gravação. Vê se dá para acreditar...”

Ligou o gravador e se ouviu a voz do Nestor: “Olha, cara, o que vou te propor é uma coisa que me deixa até sem jeito... Não vai te prejudicar, mas vai me ajudar muito... Só estou pedindo porque preciso, é muito importante para mim. Sabe como é... a aparência de uma pessoa é tudo na vida. E eu, com estes meus dentes tortos... sempre tive muito complexo... Queria tratar os dentes, consegui um dentista que coloca aparelho barato, três mil e quinhentos reais. Mas não tenho esta grana. Então pensei: se eu te concedo o tempo de serviço, tu completas os trinta e cinco anos agora em julho e podes começar a

receber tua aposentadoria. Mas eu posso fazer com que o tempo tenha se completado em abril. Como eu te disse, ninguém controla esta contagem. Só passa por mim. Daí, tu recebes mil e duzentos reais a partir de abril e dá para mim estes três meses, que tu, igual, não terias direito. Eu fico com os três mil e seiscentos reais e tu ficas aposentado em questão de quinze dias.”

A voz de João, dando corda: “Mas não tem perigo de alguém descobrir?”

“Já te disse. Só passa por mim. Fica entre nós dois. Tu me prestas esse favor e eu faço andar o teu processo. Em quinze dias estás aposentado.”

“Posso pensar?”

“Claro. Pode pensar. Mas não tem perigo. Tens meu telefone. Fico aguardando. Onde posso te deixar?”

João desceu num ponto de táxi e foi para casa. Agora, estavam os dois, ele e Rosita, pasmos.

Ela disse: “Não acredito que isto esteja acontecendo com a gente. Passei a vida toda dizendo que neste país só se dava bem quem saía da linha, quem levava vantagem e tu me chamavas de pessimista, que não era bem assim. Eu até queria acreditar, porque eu mesma nunca consegui ser desonesta, praticar um crimezinho, por menor que fosse. Em vinte anos de serviço público, nem um peculatozinho, uma prevaricação. E agora me vem este funcionário de penúltimo escalão, com a maior cara de pau, pedindo uma mixaria que até parece nem ser crime.”

João riu: “Ele quer consertar os dentes...”

Riram os dois: “Coitado. Deve ganhar uma miséria ...”

“Mas não justifica”, recompôs-se Rosita. “Vamos levar esta gravação a alguma autoridade e denunciar o calhorda.”

“E a minha aposentadoria leva mais dez anos para sair. Fora o perigo de represália...”

Ficaram os dois em silêncio. Com medo.

“Este dinheiro a mais por mês viria na hora certa...”

Rosita olhou o marido. Um cara bom. Se gastava mais do que ganhava, era tudo com a família. Não jogava, não bebia, não saía sozinho, o que eliminava a suspeita de gastar com outra mulher. Ela também trabalhava, era funcionária antiga do serviço público. E nunca foram corruptos. Mas o círculo vicioso, fatalmente, os alcançara. Se aderissem, tudo ficaria bem. Se não aderissem, quem sabe o que poderia acontecer?

Será que valia a pena darem uma de heróis? Ela disse: “Tudo bem. Liga pra ele, amanhã. Diz que aceita. E vamos guardar a gravação...”

No outro dia, João acertou tudo com Nestor. Daí a quinze dias, recebeu um comunicado de que estava à sua disposição o valor referente à sua aposentadoria, retroativo a abril.

Retirou o dinheiro e depositou três mil e seiscentos reais na conta do Nestor. Tudo no fio do bigode, na palavra empenhada. Negócio entre gente honesta.